

Uso de Tecnologia Digital Móvel e a Relação com Lugares Públicos: uma leitura sob a perspectiva da compreensão

Daniele Padovani Emilio de Oliveira MADEIRA¹

Mateus Yuri PASSOS²

Dimas KÜNSCH³

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

Resumo

Em tempos em que a tecnologia digital tornou-se móvel, podendo ser acessada em qualquer espaço, sendo este espaço ativo e variável, transformou-se a experiência de interatividade, enquanto estamos em movimento e acessando dispositivos móveis em lugares públicos. Considerando que a comunicação se dá por meio da conexão entre pessoas, modificando as relações interpessoais o presente artigo abordará o conceito de cultura da mobilidade, e como o corpo interage com os territórios. A perspectiva da compreensão compila essas transformações e faz a mediação entre elas, considerando finalmente que é preciso um olhar ampliado e generoso para as diferentes relações.

Palavras-chave: mobilidade; território informacional; corpo; comunicação; compreensão.

Introdução:

Para acessarmos as mídias digitais, no passado recente, era necessário estarmos situados em algum lugar fixo, como residência, trabalho, *lan house*, devido à necessidade da conexão a cabo com a internet. Dessa forma, mesmo nos deslocando virtualmente, o ambiente ao nosso entorno, imóvel, poderia ser acessado pelos olhos num outro momento, favorecendo uma conduta mais estática, passiva e focada diante das telas (Baitello Jr., 2005).

Em tempos em que a tecnologia digital tornou-se móvel, qualquer pessoa pode acessá-la via wi-fi, ou, conexões 3G ou 4G, em qualquer espaço. Uma das características desse espaço é o fato de ele ser dinâmico e mutável, podendo transformar a maneira como

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Estudante de Graduação 2º. ano do Curso de Rádio, TV e Internet da Faculdade Cásper Líbero, email: danpado@yahoo.com.br

³Orientador do trabalho. Mateus Yuri Passos, Pesquisador de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Teoria e História Literária. Membro do grupo de pesquisa Comunicação, Diálogo e Compreensão. Email: mateus.passos@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Dimas Antônio Künsch, Doutor em Ciências da Comunicação (USP). Docente e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Diálogo e Compreensão, onde coordena o projeto de pesquisa "A compreensão como método". Email: dimaskunsch@carperlibero.edu.br

interagimos com os lugares ao acessarmos aparelhos, como *smartphones*, enquanto estamos em movimento, chamado por Lemos (2009) de território informacional que se dá pela interface entre o espaço eletrônico e o espaço físico. Este acontecimento ocorre sem a dissociação entre comunicação, mobilidade, espaço e lugar. Essa relação cria uma tensão de oposições entre o que é público e privado, próximo e distante, movimento e repouso, isolamento e agregação, por isso a expressão território informacional –pois é dessa inquietude que se elabora a política, a cultura, a sociabilidade e a subjetividade.

Devido à complexidade e prematuridade temática que envolvem fatores relevantes, como os citados acima, surgem outras angústias concomitantes às inovações promovidas pelos implementos virtuais, que nos deslocam no tempo e no espaço. Talvez percamos ao caminhar pelas ruas, aprisionados numa tela, o poder de observação, apropriação e de relação com estes espaços, aquele olhar circunstancial, como o do *flâneur*, “um tipo de pessoa moderna” que surgiu na França, no século XIX, no início do processo de formação das cidades. O flâneur que foi idealizado por Charles Baudelaire em sua obra *A une Passante*, dedicava seu tempo a vagar pelas ruas, observando o seu redor e tentando, além de captar algo do cenário urbano, experimentar coisas novas e criar relações e percepções ao passar pela paisagem e aglomerados de pessoas (Arantes, 2000).

Os espaços, associados ao comportamento individual de detenção pelas telas, podem também deixar de ter um significado antropológico, que o define como um lugar identitário, relacional e histórico, passando a ser considerado como “não-lugar”, representando espaços de passagem e fluxo contínuo, como estradas, supermercados, aeroportos, rodoviárias (Augé, 2006), lugares de transição nos quais não se estabelece nenhuma relação, nem com o espaço, nem com pessoas - já que ambos se encontram numa mesma situação, movendo-se de um lugar para outro. Isto, segundo Canclini (1999) provoca individualismo nas relações, incapacitando esses indivíduos de conviver com aqueles que compartilham fisicamente os mesmos ambientes de trânsito, empobrecendo o referencial coletivo ligado à cultura histórico-territorial (espaço x tempo).

Entretanto, ao mesmo tempo em que ocorre a situação apontada acima, a todo momento as novas tecnologias podem nos dar novas possibilidades de vivenciar esses lugares, sob um aspecto interativo, concedendo uma perspectiva rica e complexa para o estudo das relações entre sujeitos, dispositivos e informação como refere o estudo de Mantovani (2011), ao analisar os relatos de seus entrevistados, que colocaram em evidência

princípios da mobilidade, tais como copresença, onipresença, mobilidade produtiva, espaço de fluxos, territórios informacionais, comportamento multitarefa, entre outros.

Exemplo disso, entre muitos outros, são os aplicativos de localização (GPS). Suponha que você seja um turista numa cidade desconhecida, que se interesse por um restaurante, exposição, museu, ou qualquer outro lugar, ou, evento. Você pode pela internet de seu celular acessar os endereços, inserir no aplicativo de busca. A partir daí, durante o percurso, construir uma relação com o espaço e o lugar desejado, seja por observação e/ou orientação das ruas, ou ainda, trocar informações com os transeuntes no intuito de facilitar a sua trajetória. Este é o princípio de uma série de desdobramentos que poderão ter início nesse ato. Como consequência, uma possível amizade pelo interesse correspondente ao tema, o descobrimento de um novo lugar e a possibilidade de um retorno, afinidade pelo local escolhido e o desejo de permanência, o registro fotográfico da situação e o provável compartilhamento nas redes sociais, com comentários e interesses de outrem. Ponderando tudo isso, essa atitude, atualmente usual, pode gerar um enredo de tramas minimamente interessantes de serem estudadas, pesquisadas.

Neste sentido, podemos dizer que as relações interpessoais podem, também, ter se transformado levando em consideração que segundo Künsch (2008) a comunicação tem a ver com processos, dinâmicas interativas, trocas e vínculos entre sujeitos humanos. Lemos (2009) diz também que a comunicação implica movimento de informação e movimento social: saída de si no diálogo com o outro e fluxo de mensagens carregadas de diversos suportes. Vaz (1999), complementa dizendo que o campo da comunicação tem como uma de suas características pesquisar e refletir entre tecnologias de comunicação e mudança cultural.

Para Vaz (1999), há um consenso crescente em nossa cultura de que as tecnologias vigentes, especialmente as cognitivo-comunicacionais, estão transformando as experiências de corpo, pensamento, trabalho, espaço e tempo. Isto posto, não é presumível afirmar que os personagens sociais evidenciem uma relação solitária com seus aparelhos móveis e alheia aos acontecimentos adjacentes às telas. As relações que homens de uma determinada cultura estabelecem consigo mesmos e com o seu mundo, incluindo o ambiente tecnológico, pode gerar uma transformação imprevisível e um investimento na possibilidade do que podemos ser.

Dentro dessas possibilidades, ainda que o olhar não seja aprofundado, é fácil perceber ao caminhar pelas ruas indivíduos interagindo com seus dispositivos móveis,

conectados à internet, desenvolvendo múltiplas tarefas como trabalho, agenda, estudo, lazer, orientação de espaço, relação social, compras, ou seja, todos desempenhando algum papel social, num contexto diferente de outrora, quando cada um desses papéis tinha seu lugar fixo, sugerindo um determinado comportamento, agora o espaço é público.

Com isso, Lemos (2009) nos dá sua ideia de cultura móvel. Para ele a cultura móvel é mais perceptível na contemporaneidade, mas sempre esteve presente na evolução da cultura humana, correlacionando o deslocamento ao tempo e espaço e ampliando o potencial de comunicação. Acrescentando, Mantovani (2011) diz que ao ampliar a capacidade de interação, tanto entre os sujeitos quanto entre eles e as informações, tais dispositivos acabam por criar uma sociedade potencialmente sempre conectada e disponível para ingressar em processos interativos, atuando como próteses de interação, extensões do corpo humano. Poderíamos falar em organismo cibernético?

Dada a conectividade como uma “tendência sociológica e antropológica”, ou seja, uma tendência que movimenta e transforma o comportamento da sociedade, é relevante buscar compreender como se dão esses processos interativos, as relações que os sujeitos constroem com seus dispositivos, com o espaço em que estão enquanto acessam esses dispositivos e ainda as relações entre próprios os sujeitos. Inevitável que alguns pensem que algo valioso se perca nesse processo; por outro lado, os admiradores da era da informatização pensarão que muito se ganha ao colocar as pessoas em conexão permanente com o mundo. Contudo, procurar considerar essas mudanças como algo novo que valoriza o passado, sem deixar de contemplar o futuro e entender esse dinamismo sócio-tecnológico parece ser um caminho harmônico e aberto a novas experiências.

Uma vez que não se pode frear o desenvolvimento das tecnologias, nem tampouco a forma como a recepção relativa a esses avanços, é feita pelos seres humanos, cabe a nós buscar não necessariamente respostas, e sim a compreensão num espectro mais amplo, a caminho do reconhecimento dessas transformações e do potencial inovador, ou de resgate que cada uma delas podem nos oferecer. Muito provavelmente, mesmo após pesquisar acerca do assunto, essa sociedade tecnológica sofrerá novos progressos e o que será certo no final dessa empreitada é que não faltarão novas perguntas, em razão da vivacidade do tema, mas também não se pretende responder todas elas e sim buscar novos questionamentos, novos olhares e novos saberes.

Desse modo, o propósito deste trabalho é investigar possíveis relações que possam ser construídas com os lugares públicos por personagens sociais, enquanto acessam seus dispositivos móveis. Para tal fim, foi realizada pesquisa bibliográfica de natureza

exploratória, baseada em estudos acerca da mobilidade, tecnologia, informação, cultura e as relações sociais, mediadas pela perspectiva da compreensão.

Entenda-se por perspectiva da compreensão, epistemologicamente, uma abordagem dialógica e interdisciplinar, na qual se incentiva a conexão entre saberes e proporciona, desse modo, grande potencial comunicativo entre os temas propostos neste estudo, de maneira que eles coexistam e se interrelacionem. Nessa perspectiva, somar conhecimento, criando ambientes discursivos em que haja a integração de saberes, espaço para novos questionamentos, enlaçamento do antigo e do novo, ganhando entendimento de cada um deles, vislumbrando a complementaridade entre eles.

Cultura da mobilidade

Para falarmos da cultura da mobilidade é necessário darmos a dimensão da palavra *cultura*, e ao acessar o dicionário Dicio temos:

conjunto dos conhecimentos adquiridos; instrução; conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade; normas de comportamento, saberes, hábitos ou crenças que diferenciam um grupo de outro; expressão ou estágio evolutivo das tradições e valores, num período determinado. (DICIO, s/d)

Dito isso, compreendemos que os movimentos da cultura e da ciência não podem ser simplificados por periodizações ou rígidas conceituações, eles são dinâmicos e imprevisíveis. Ainda que para nossa compreensão seja mais fácil dividí-los, pontuá-los e estratificá-los, ganhando em entendimento e cronologia, perde-se muito na percepção das mudanças, ou do que está por vir; tornamo-nos indiferentes (Ferrara, 2010).

McLuhan (Braga, 2012), comunicólogo canadense, tenta nos fazer refletir a respeito, com um de seus aforismos mais célebres e discutidos no meio acadêmico: “O meio é a mensagem”, sugerindo o entendimento dos meios pela manifestação de possibilidades e respostas cognitivas. Ele afirma que é pela linguagem que o entendimento do mundo se manifesta e que a estabilidade das culturas depende do equilíbrio proporcional de seus meios (Machado, 2014). É a consciência de que a linguagem não diz respeito apenas à faculdade humana de expressão e interações socioculturais, observa-se na força revelada pela palavra como meio (seja ela dita, ou escrita), as relações que o homem mantém com o mundo, a palavra como um meio gerador de outros meios.

Sendo assim, e apesar disso, podemos considerar que a cultura está diretamente relacionada ao hábito perdurável e transformador do modo de ser e estar dos seres humanos. Ao longo da nossa trajetória evolutiva passamos por diferentes processos no que diz

respeito à mobilidade e, de alguma forma, eles sempre conversaram com os meios (tecnologia) – desde o nomadismo, passando pela invenção da roda, que deu origem às carroças, bicicletas e carros, até chegarmos aos navios, trens e aviões. Com isso, também ampliamos a nossa capacidade de comunicação, nos mais diferentes níveis – a escrita, cartas, telégrafos, sinais via rádio (código Morse, *beeps* e *paggers*), mensagens via satélite pelo telefone, até chegarmos à era digital com correio eletrônico, mensagem via SMS, aplicativos sociais como facebook e whatsapp (Burke & Briggs, 2004).

Todos esses avanços fizeram e fazem parte do que somos hoje e implicam na maneira como interagimos com o mundo e como se processam as dinâmicas de semióticas dentro da contemporaneidade, uma vez entendido que tais dinâmicas são sempre dependentes das linguagens e das memórias disponibilizadas pelas culturas de cada época (Pereira, 2011).

O ser humano, originalmente, foi concebido fisicamente para longas caminhadas e ele permanece com essa característica. O próprio da vida social é o deslocamento, o nomadismo, e a nossa Comunicação se deu ao longo dessas peregrinações, dando a mobilidade humana o status de produto social e cultural. Como exemplo, muitos territórios foram conquistados por meio desses deslocamentos, seja por bravatas, ou, até mesmo para o assentamento em algum lugar seguro e com eles muita cultura adquirida e desenvolvida; além disso, um pouco mais adiante no tempo, mas sem deixar de sofrer interferências pregressas, não só os gregos gostavam de filosofar andando, mas muitos outros escritores depois deles também se inspiravam caminhando (Baitello Jr., 2012), para depois deixarem seus registros escritos. O corpo e o movimento permaneciam, portanto, ligados ao desenvolvimento cultural e intelectual.

Em tempos modernos, ou, pós-modernos, em que é possível nos transferirmos para qualquer lugar virtualmente, sem nos movermos corporalmente, ou ainda realizar os dois concomitantemente, com certeza, gerou uma nova forma de interação entre indivíduos, espaços públicos e a tecnologia.

Segundo Lemos (2009), a mobilidade informacional-virtual tem impactos diretos sobre a mobilidade física e sobre o lugar e o espaço onde opera, e vice-versa. A comunicação é uma forma de “mover” informação de um lugar para outro, produzindo sentido, subjetividade, espacialização. Essa informação só assegura o que já foi discutido, entretanto, agora ela assume características da contemporaneidade.

Adaptando-nos e/ou sofrendo as interferências dos meios, como já mencionado, temos hoje indivíduos que perambulam pelas ruas entretidos com seus aparelhos celulares realizando todo tipo de atividade e a isso damos o nome de Mobilidade Ampliada - algo que potencializa as dimensões física e informacional numa espécie de extensão de suas capacidades. Explicando de modo mais simples, esses andarilhos criam territorializações (lugares); inclui-se aí a informacional (lugares virtuais) também, em meios a movimentos no espaço urbano, como se fosse possível estar em dois lugares ao mesmo tempo, conectados com o mundo.

Podemos dizer que está em curso a criação de uma rede de informações, uma ideia de globalização, onde todos os dados podem ser compartilhados instantaneamente com todos, em qualquer lugar e em qualquer tempo, conhecido como sociedade em rede. Chamado por McLuhan de Aldeia Global, decorrente da sua compreensão de que a evolução das tecnologias comunicacionais impõe um aprimoramento da capacidade de produzir, acumular e de, principalmente, partilhar informações, especialmente após a entrada das mídias eletrônicas em cena, promovendo uma perturbação nas referências espaço-temporais, subjetivas e culturais (Pereira, 2011).

Para que possamos ter um melhor entendimento, Lemos (2009), define que para pensarmos a mobilidade são necessárias três dimensões fundamentais: o pensamento – a desterritorialização; a física (corpos, objetos) e a informacional-virtual (informação).

A dimensão do pensamento ocorre ao crer que a mobilidade produz espacialização e os lugares devem ser pensados como eventos em um fluxo de práticas sociais, de processos territorializantes e desterritorializantes, estar (lugar) e não estar (não lugar) – uma experiência locativa. Ao se associarem às mídias os lugares criam formas de conhecimento e de experiência local, levando em consideração nossa percepção do mundo e de nós mesmos e da relação com o outro e do outro conosco.

Já a dimensão física se dá pelo corpo. Em princípio, ao mover-se você estaria limitando o seu acesso à informação, pelo próprio ato de estar em ação e, portanto, nesse momento inacessível às informações, talvez e tão somente como consumidor – assistindo à TV enquanto faz um exercício aeróbico na esteira de uma academia.

Não obstante há a dimensão informacional-virtual: diante da portabilidade das mídias digitais este impedimento físico deixa de ser um problema, passando a ser um elemento facilitador. Nesse caso, é possível consumir, produzir e trocar informações

virtualmente enquanto nos movemos de um lugar para outro. Surge então a mobilidade informacional, que está direta e potencialmente relacionada com a cultura da mobilidade.

Esta relação desponta cheia de questões imbricadas, porque essas dimensões não são neutras nem naturais, ao contrário são espaços de tensões. O indivíduo passa a ter acesso a um mecanismo extremamente poderoso, que pode ser de controle e vigilância, polarizador, inclusão e exclusão, acessibilidade, autonomia, enfim e, portanto, deve ser deliberado com cautela.

Retomando, ao pensarmos, ou ouvirmos a expressão Cultura da Mobilidade é necessário ter em mente que seu princípio fundamental está embasado na mobilidade de pessoas, tecnologias e informação sem precedente.

Transformação do Corpo no Espaço-Tempo

Diante deste metamorfismo social e estrutural, o corpo simbioticamente responde a essas alterações. Claro, ele continua com o espírito nômade, ainda é intrínseco o desejo de sair por aí, conhecendo e conquistando territórios e agregando pessoas e, na verdade, é a partir daí que surge a nossa sociedade.

A sociedade tradicional que conhecemos começou no contato entre corpos por meios sensoriais que permitiram a comunicação. Menezes (2007), em seu livro *Rádio e Cidade – vínculos sonoros*, faz referência a Harry Pross, que afirma que toda comunicação humana começa no corpo, isto é, o corpo se constitui como mídia (meio). Ele o caracteriza em três formas de mídia: primária, secundária e terciária.

Como mídia primária, os os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo: movimentos faciais e corporais, odores, ritmos, rituais e por fim as línguas naturais. O corpo como memória cultural de expressividade.

Como secundária: o homem não vive apenas no mundo biológico, sobrevive num universo simbólico permeado de crenças, narrativas, histórias, religiões, ciências e artes. A imprescindibilidade de utilizar uma ferramenta amplificadora da força de nossas mensagens através do tempo e do espaço e, com isto, a escrita inaugura a era virtual, possibilitando a vitória simbólica do homem sobre o tempo.

Enquanto mídia terciária: os corpos envolvidos no processo comunicativo precisam de equipamentos que os vinculem, tal como o rádio, e atualmente a internet, reiterando a múltipla teia de códigos, neste caso, o campo das narrativas veiculadas por

meios eletrônicos que permitem partilhar informações com o maior número de pessoas, num processo de interação que sincroniza a vida nas sociedades.

Podemos dizer que elas são complementares e fazem referência ao corpo; portanto, a percepção do próprio corpo somente é realizável quando este se encontra vinculado a outro. Complementando, esse vínculo se dá num tempo e nos espaços territoriais.

Sem deixar de lado questões que já foram discutidas aqui, no sentido de setorizar o indivíduo numa categoria, ou outra, o que buscamos aqui é contextualizar, tentando facilitar a compreensão do que se pretende dizer.

Seguindo as tendências tecnológicas, nossa sociedade permeada pelos vínculos corporais atualmente está localizada em maior parte na mídia terciária (muito embora, seja possível estar nas três mídias ao mesmo tempo), interligando-se eletronicamente e criando uma sociedade que se comunica em rede e virtualmente.

Em vista disso, é importante saber que relações sociais são relações de sentido e que se configuram em um espaço, que também se estrutura de um certo modo ao longo da história, território no qual o sujeito se inscreve (Pfeiffer, 2013). A pergunta agora é: de que território estamos falando? No contexto do presente artigo falamos de dois: o espaço urbano e o virtual.

Essa sociedade em rede, de vitalidade cultural intensa, que está exposta a outras fontes de informação, que frequenta mais eventos de arte, lê mais literatura, vê mais filmes, assiste e pratica mais esportes do que aqueles que não a acessam (Castells, 2003), nos faz supor que exista uma harmonia e homogeneidade no tempo mundial, aglutinando todos os espaços, sobretudo os urbanos. Entretanto, os espaços não são “globalizáveis”; o que é possível se globalizar são sociedades, homens e pessoas nos seus lugares urbanos de apropriação. Todavia, ao mentalizarmos os espaços urbanos, podemos pensar em sua estrutura física, na territorialidade e seus eixos políticos sociais, o que nos faz perceber que a ideia de rede não surgiu na era digital, ela é uma característica urbana por natureza (Ferrara, 2010).

Tocando no território virtual, seria ele um espaço globalizado? Castells (2003) afirma que a internet tem como características fundamentais a comunicação livre e horizontal, onde todos têm espaço para se manifestar, interagir, se expressar, encontrar e criar o seu próprio destino. Muitos tiram proveito dessa flexibilidade para divulgar ideias e articulá-las, para o bem, como *Crowdfunding* (captação de dinheiro filantrópico para

desenvolvimento de projetos) e para o mal – posicionamentos políticos extremistas, radicalismos.

Analisando esses dois territórios, físico e virtual, que tem como qualidade serem centros de disputas, mediações, conflitos, relações, territórios onde exercemos a nossa identidade, é possível afirmar que acima de tudo eles sejam espaços sociais? A concepção de Augé (2006) sobre Lugares e Não-Lugares nos provoca a respeito disso, dado que lugar é um ambiente com o qual você cria uma relação de afetos e não-lugar é aquele ambiente de passagem onde você e o espaço são praticamente invisíveis aos olhos. Embora isso já tenha sido relatado no artigo, faz-se aqui uma apropriação dessa abstração para aplicá-la ao corpo, o corpo que está e não está nesses territórios.

Para isso é necessário entender a relação espaço-tempo, se apropriando dos momentos de deslocamento do corpo, de mobilidade, a imaginar o tempo livre. Nessa situação, “o que estou fazendo enquanto estou”, ou ainda, “onde estou enquanto” e para isso muitas atividades podem ser inseridas no início e no final destas frases, como exemplos: o que estou fazendo com meu celular enquanto caminho; estou no museu enquanto tiro uma foto; leio uma informação no meu *tablet* enquanto volto para casa de ônibus; seguiriam muitos outros exemplos. A provocação aqui é: se segundo as leis da física de Newton, dois corpos não ocupam o mesmo espaço, será que dois espaços poderiam ocupar o mesmo corpo, no sentido de lugar, de se sentir afetado por eles, de conectar-se com os dois; ou, estaria este corpo exercendo a sua personalidade em somente um dos territórios, enquanto para o outro ele seria o não-corpo, aquele com o qual ele não se relaciona? Seguindo em frente, em qual desses territórios estou exercendo a sociabilidade?; em que momento me deixo afetar por um, ou, por outro?

Perspectiva da compreensão

Resgatando a imprevisibilidade do tempo e das ações do homem ao longo da história da sociedade, na construção de seus territórios, creio que seja difícil responder de maneira hermética e decisiva às questões colocadas, o que também não é o propósito do artigo. Ao contrário, trazendo à luz da compreensão (Künsch, 2008; 2009; 2014) - saber comunicacional indissociável de uma ética cognitiva, que assume, defende e propõe uma reflexão sobre os sentidos humanos de todo conhecimento, indo além da dominância da Explicação, para buscar a Compreensão - buscamos até aqui observar a dinâmica que gira em torno de espaços urbanos, indivíduo e tecnologia digital móvel.

Nota-se que o corpo é base de tudo. Por meio dele surge a comunicação e a demanda pela construção dos espaços, gerando a sociedade. A sociedade pode ser considerada uma rede de relações tanto no espaço físico, quanto no virtual, e em cada uma delas podemos exercer papéis, ou, simplesmente não exercer, sendo somente passageiros pelos espaços. Não se trata necessariamente de optar por um ou por outro, o que implica são as situações (pensamento, território, informacional-virtual) em que se encontra o indivíduo no momento das conexões, seja com o urbano, seja com o virtual.

Vimos ainda que estes espaços, embora possam ter características de lugar e não-lugar, eles não são neutros, são territórios polarizadores, políticos e de exercício da identidade, portanto um espaço de comunicação e de mudança constante. Com a máxima "o meio é a mensagem", podemos dizer que o corpo, enquanto mídia, é o transformador do mundo, motivado pelas suas próprias produções e pelo desenvolvimento das tecnologias.

A perspectiva da compreensão procura olhar para todas essas informações como um achado, uma descoberta de possibilidades para alcançar e perceber o humano em toda a sua amplitude, seja ela física, social, virtual, sem desconsiderar qualquer percurso que ele tenha feito para chegar até onde estamos. Do ponto de vista da ciência, essas colocações cooptam saberes que corroboram com outras áreas, criando braços de extensão para outros campos de conhecimento, deixando em aberto qualquer tentativa legítima de acrescentar e trocar informação.

O presente artigo esforçou-se de modo genuíno, a partir da perspectiva da compreensão, entender e tonificar a ciência analisando as relações que o indivíduo em deslocamento desenvolve com os espaços, enquanto acessa aparelhos digitais móveis. Notou-se que a depender da circunstância, ele exerce um papel identitário social ou não, mas que a todo momento, sendo este corpo mídia, ele se comunica com os espaços, criando uma rede de informações e na subjetividade do tempo, produzindo cultura.

Muitas questões ainda pairam e a ideia não é concluí-las e sim renová-las.

Referências

ARANTES, A. A. (org). **O Espaço da Diferença**. Campinas- SP: Papyrus, 2000

AUGÉ, M. **Sobremodernidade**: do tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

BAITELLO JR, N. **O Pensamento Sentado**: sobre glúteos, cadeiras e assentos. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012 (Coleção Aldus 35)

- BRAGA, A. **McLuhan entre conceitos e aforismos**. Revista Alceu, v. 12, n.24, p. 48 a 55 - jan./jun. 2012
- BURKE, P, BRIGGS, A. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999. 290p.
- CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003 (Coleção Interface)
- DICIO. Disponível em: www.dicio.com.br/cultura Acesso em: 27 jun. 2016
- FERRARA, L. D. A. A mobilidade como contradição do espaço urbano. **Matrizes**, v. 4, n.1, p. 165-177, jul/dez 2010.
- KUNSCH, D. A., AZEVEDO, G, BRITO, P.D., MANSI, V. R. (org.) **Comunicação, Diálogo e Compreensão**. São Paulo: Editora Plêiade, 2014.
- KUNSCH, D. A. Mais Interrogações e Vírgulas, Menos Pontos Finais: pensamento compreensivo e comunicação. **Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 41-50, 2009.
- KUNSCH, D. A. Teoria compreensiva da comunicação. In: KUNSCH, Dimas A.; BARROS, Laan Mendes de. **Comunicação: saber, arte ou ciência?** São Paulo: Plêiade, 2008, p. 173-195.
- LEMOS, A. Cultura da Mobilidade. **Revista Famecos**: Porto Alegre, n. 40, 2009
- MACHADO, I. **Vieses da Comunicação**. São Paulo: Annablume, 2014, p.21-57
- MANTOVANI, C. M. C. A. **Narrativas da Mobilidade: comunicação, cultura e espaços informacionais**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Escola de Ciência da Informação, Universidade FMG. Belo Horizonte, 2011
- MENEZES, J. E. O. **Rádio e Cidade - Vínculos Sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007
- PEREIRA, V. A. **Estendendo McLuhan: da aldeia à teia – Comunicação, Memória e Tecnologia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011, p. 147-158.
- PFEIFFER, C. C Percursos em um Saber Urbano e Linguagem. GUIMARÃES, Eduardo (org.). **Cidade, Linguagem e tecnologia: 20 anos de História**. Campinas: Labeurb/Nudecri, 2013, p. 93-109.
- VAZ, P. **Agentes na Rede**. In. Anais do VIII Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Belo Horizonte: UFMG, 1999.